



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PESQUISA**

**PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA – PIBIC CNPq/UFAL/FAPEAL**

RELATÓRIO FINAL
(individual e diferenciado para cada bolsista/colaborador)

(2015 – 2016)

**TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA:
AQUISIÇÃO E APRENDIZAGEM DE GRAMÁTICA**

TÍTULO DO PLANO DE TRABALHO INDIVIDUAL E DIFERENCIADO:

A Realização de Objeto Direto Anafórico em Produções Espontâneas de Crianças de 10 a 14 anos.

NOME DO ORIENTADOR: TELMA MOREIRA VIANNA MAGALHÃES

NOME DO BOLSISTA/COLABORADOR: JUAREZ BARBOSA BEZERRA JR.

	BOLSISTA CNPQ		X	BOLSISTA FAPEAL
	BOLSISTA UFAL			COLABORADOR

*NOME DA GRANDE ÁREA DO CONHECIMENTO (CNPq): Linguística, Letras e Artes

*NOME DA SUB-ÁREA DO CONHECIMENTO (CNPq) : Teoria e Análise Linguística

*Consultar site www.cnpq.br

Projeto Financiado:

SIM

NÃO

Caso afirmativo citar órgão financiador dos recursos:

Maceió - AL, 10 / 08 / 2016.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo verificar as diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico, principalmente em substituição ao clítico de terceira pessoa, usadas por crianças em fase escolar em suas produções escritas para, posteriormente, confrontar com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006). Como se sabe, o sistema de anáfora do português brasileiro permite ao seu falante duas opções: o preenchimento ou não da posição de objeto direto anafórico (GALVES, 1987). Portanto, no primeiro momento, este trabalho verificou se as crianças preenchem ou não a posição de objeto direto anafórico e, em um segundo momento, verificou, quando preenchidas tais posições, quais foram as estratégias utilizadas. Para fundamentar esta pesquisa, o Gerativismo foi utilizado como base teórica (cf. CHOMSKY, 1986). Esta teoria assume a hipótese inatista segundo a qual todo ser humano nasce com uma competência linguística. Sendo assim, a criança, a partir das informações retiradas da língua natural do seu ambiente, é capaz de engendrar o seu conhecimento linguístico internalizado. Portanto, no que diz respeito à realização do objeto direto anafórico, as estratégias usadas pelas crianças estão intimamente ligadas ao ambiente linguístico em que foram inseridas na fase da aquisição da linguagem. Para a viabilização desta pesquisa, foram utilizados 42 textos escritos de crianças em fase escolar, do ensino fundamental 2, da cidade de Maceió. Em seguida, todos os textos foram analisados e verificou-se que o preenchimento do objeto direto foi superior ao seu apagamento. No segundo momento da análise, verificou-se que, ao preencher a posição de objeto, foi utilizado mais o pronome tônico *ele* em oposição ao uso do clítico de terceira pessoa para o qual as ocorrências foram muito baixas. Comparando com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006), percebemos que as crianças em fase de aquisição apagam mais o objeto do que preenchem, situação contrária das crianças em fase escolar que preencheram mais do que apagaram, porém, coincidem, ao preencher a posição, na preferência pelo uso do pronome tônico *ele*. Tais resultados nos fez concluir que as crianças em fase escolar dão preferência pelo preenchimento da posição de objeto direto e que preferem o uso do pronome tônico *ele* em oposição ao uso do clítico de terceira pessoa como estratégia de realização do objeto direto anafórico, assim como as crianças em fase de aquisição também preferiram usar, ao preencher a posição de objeto, pelo pronome tônico *ele*.

Palavras-chave: Aquisição; Gramática; Aprendizagem

INTRODUÇÃO e OBJETIVOS

Como se sabe, o sistema de anáfora do português brasileiro permite ao seu falante duas opções: ou o preenchimento do espaço da posição de objeto direto anafórico ou não (GALVES, 1987). Sendo assim, é bastante corriqueiro o apagamento do objeto direto anafórico no português brasileiro. Muitos são os estudos a respeito deste fenômeno e as pesquisas são unânimes ao afirmar que o clítico de terceira pessoa está desaparecendo do português brasileiro, o que possibilitou o surgimento de estratégias diferentes para a sua realização, situação contrária ao português europeu no qual o clítico de terceira pessoa é bastante utilizado, isto sem mencionar que a posição de objeto direto anafórico é menos preenchida no português brasileiro em comparação ao português europeu, assim como afirmam CYRINO (1994), PAGOTTO (1996) e BAGNO (2000).

A hipótese é que, como os brasileiros estão deixando de usar os clíticos de terceira pessoa, tais informações não estão presentes no ambiente linguístico em que a criança está inserida. Sendo assim, a criança não encontra tais informações para a formatação de sua Língua-I (língua interna) que nada mais é do que o conhecimento linguístico que ela possui. Diante disto, o objetivo desta pesquisa é verificar as diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico, principalmente as estratégias em substituição ao clítico de terceira pessoa, usadas por crianças em fase escolar em suas produções escritas no intuito de verificar o conhecimento linguístico que as crianças trazem para a escola e se a escola cumpre o seu papel de ensinar a chamada gramática normativa, tudo isto com base na teoria Gerativa que está inserida no campo das ciências cognitivas. Posteriormente, os resultados foram confrontados com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006) em seu trabalho de pesquisa para a sua tese de doutorado no qual a pesquisadora faz uma análise comparativa entre o português brasileiro e o português europeu, cujo *corpus* foi formado por quatro crianças, duas brasileiras e duas portuguesas, em fase de aquisição da linguagem.

METODOLOGIA

Por conta de problemas com a formação de um *corpus* com crianças com idade entre 7 e 12 anos, houve a necessidade de formar um *corpus* para este trabalho com dados de crianças e jovens com idade entre 10 e 14 anos. Sendo assim, houve uma ampliação considerável. Portanto, para o engendramento do *corpus*, foram utilizados 42 textos de 42 crianças em fase escolar do banco de dados do projeto LUAL (Língua Usada em Alagoas) pertencente ao Prelin (Programa de Estudos Linguísticos) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Lagoas. As idades das crianças, como já foi explicado no início, variam entre 10 e 14 anos, todas da cidade de Maceió e alunas de nível fundamental 2 que compreende do 6º ao 9º ano.

Para a formação do banco de dados do projeto LUAL, foi pedido a cada criança que escrevesse de forma espontânea um texto de 1 lauda apenas retratando momentos de sua vida que foram marcantes, envolvendo terceiros, comentando ou algum momento engraçado, ou um momento de risco, desde que envolvesse uma terceira pessoa, situação ideal para a análise das estratégias de realização do objeto direto anafórico. Entretanto, por serem textos curtos, a possibilidade de se encontrar tal fenômeno foi bastante reduzida, porém, nada que inviabilizasse a realização de tal projeto de pesquisa.

Como base teórica para este trabalho de pesquisa, usamos a teoria Gerativa (cf. CHOMSKY, 1986). Tal teoria está inserida no campo das ciências cognitivas, uma vez que o Gerativismo entende a competência da linguagem como um dos conhecimentos cognitivos humanos. Entende-se por ciências cognitivas o conjunto de estudos que tem em comum a busca pelo entendimento do funcionamento da mente humana (Kenedy, 2013).

A teoria Gerativista surgiu em 1950 com Noam Chomsky. Chomsky já afirmava que o papel da teoria linguística era descrever de forma científica o conhecimento que os seres humanos possuem a respeito da linguagem (Kenedy, 2013). O Gerativismo é uma resposta ao Behaviorismo de Skinner que acredita que a aquisição da linguagem se daria através de estímulo e resposta, que acredita que todo tipo de comportamento humano se daria externamente, inclusive a linguagem. Sendo assim, Chomsky passou a mostrar a capacidade criativa da linguagem humana, no qual afirma que tal criatividade ocorre internamente, na mente de cada indivíduo. A hipótese de Chomsky é a de que as línguas naturais são na verdade um conjunto de Princípios Universais, ou seja, comum em todas as línguas, e inatos

e também de parâmetros também inatos, conjunto de informações esse formatado durante o período de aquisição.

Depois de realizada as análises, o próximo passo foi realizar a comparação com os dados obtidos por MAGALHÃES (2006) em seu trabalho de pesquisa para a sua tese de doutorado no qual o *corpus* foi formado por quatro crianças, duas brasileiras e 2 portuguesas, em fase de aquisição da linguagem. A finalidade foi observar quais são as estratégias de realização do objeto anafórico que as crianças e jovens levam para o ambiente escolar, principalmente verificar como se dá as realizações desse fenômeno na modalidade de língua escrita, se há mais apagamento ou mais preenchimento da posição de objeto direto anafórico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após ao engendramento do *corpus*, todos os textos obtidos, 42 textos no total, passaram por uma análise minuciosa, no qual obtivemos resultados interessantes, apesar das poucas ocorrências devido ao fato dos textos serem pequenos, 1 lauda apenas. Porém, nada que comprometesse a realização desta pesquisa, ademais, foram resultados bastante significantes que nos deram um panorama das estratégias de realização do objeto direto anafórico que as crianças trazem como conhecimento linguístico para a escola e usam em suas produções espontâneas na modalidade escrita. No total, obtivemos 21 ocorrências de objeto direto anafórico. As estratégias encontradas foram as seguintes:

1 – Uso do clítico acusativo:

- “Fomos a uma livraria, mas não achamos o livro que queríamos. Enfim, desistimos de **comprá-lo**”

- “Eu praticamente fiz de tudo para ela “sai”(?), eu **a** subornei.”

2 – Uso do pronome tônico:

- “Eram três amigas, meu tio deixou eu convidar **elas**.”

- “Porque ele também conhecia **elas**.”

3 – DP:

- “Nós tomamos o café e já íamos começar a se trocar quando o telefone tocou. Engraçado que logo o meu pai que atendeu **o telefone**.”

- “Tudo fica completamente escuro, corro para abrir a porta, mas alguém ou “auguma” coisa **trancou a porta**.”

4 – Objeto nulo:

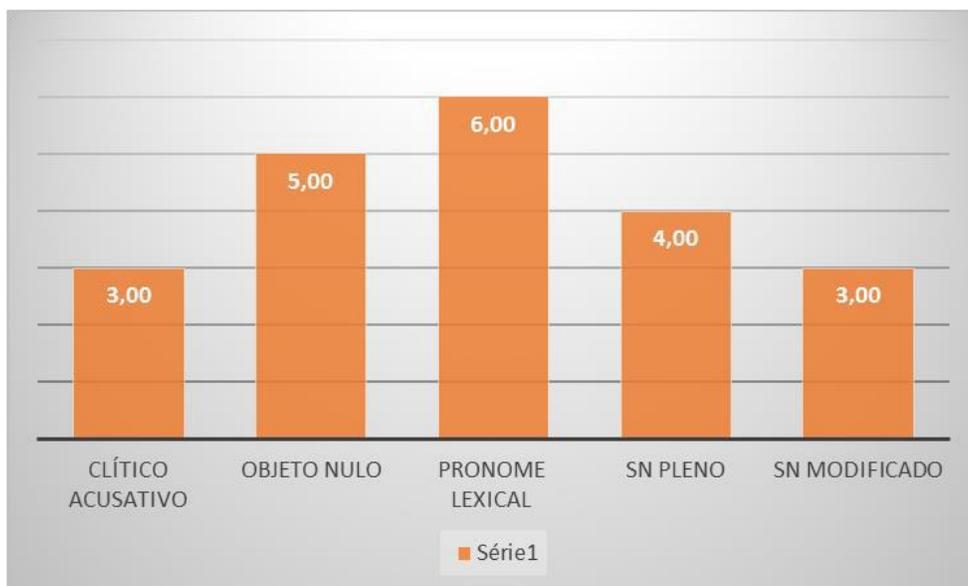
- “De repente, eu vi alguma coisa na parte de trás de sua calça jeans. Uma pistola! Cutuquei Nathália e ela também *cv* [=categoria vazia] viu.”

- “Já era noite e todos cansados, tiramos as malas, **colocamos cv** [=categoria vazia] nos quartos e fomos tomar café”

5 – SN modificado:

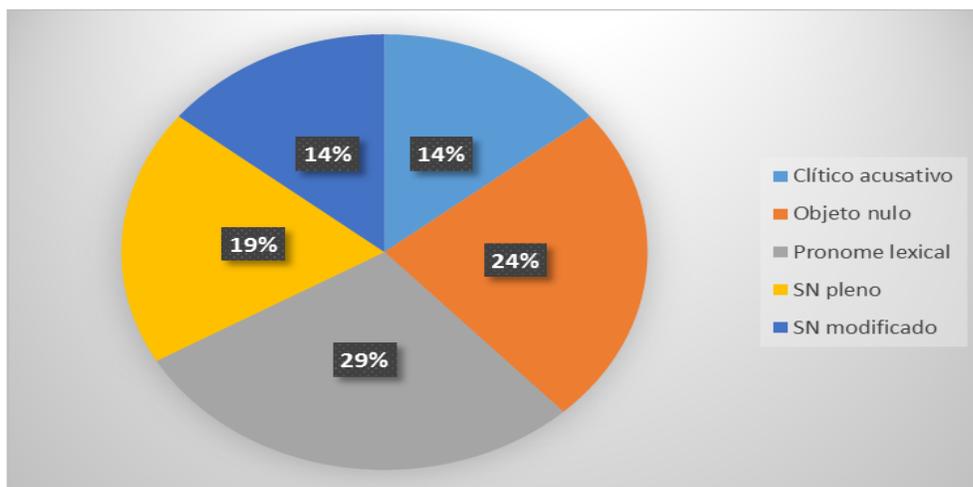
- “Estava eu e mais dois amigos, Sarah e Lucas Buarque fazendo trabalho de português na minha casa, quando acabamos de fazer **o citado trabalho...**”
 - “Eu fui para Brasília no Natal. Assim que cheguei, eu achei muito **linda a cidade.**”
- Organizando os resultados em um gráfico, temos o seguinte:

Gráfico 1: Ocorrências de objeto direto computadas na análise.



Como se pode ver, houve mais preenchimento do objeto do que o seu apagamento. Vejamos os resultados obtidos em porcentagem em um segundo gráfico.

Gráfico 2: Ocorrências de objeto direto computadas na análise (%).



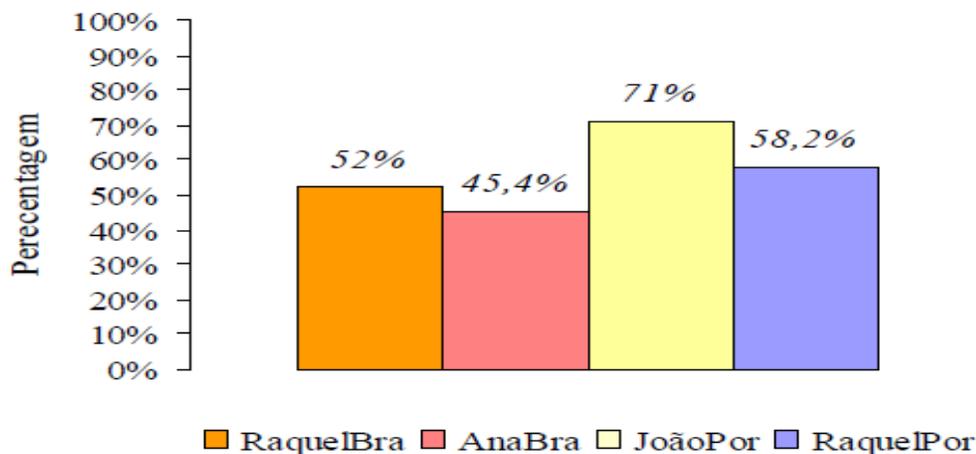
O que nos chamou bastante a atenção nestes resultados foi a preferência pelo preenchimento da posição do objeto direto anafórico com o uso do pronome tônico de terceira pessoa *ele* em oposição ao uso do clítico de terceira pessoa em que as ocorrências foram muito baixas, corroborando com a hipótese de que os clíticos de terceira pessoa estão desaparecendo do português brasileiro, como afirmam CYRINO (1994) e PAGOTTO (1996), entre outros estudiosos.

Após a obtenção dos resultados, o segundo passo desta pesquisa foi a realização da comparação com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006). A pesquisadora buscou, em sua tese de doutorado, analisar a realização ou não do objeto direto anafórico de terceira pessoa em um trabalho comparativo entre o PB e o PE. O *corpus* de seu trabalho é composto por 4 crianças, sendo 2 brasileiras e 2 portuguesas, todas na idade de aquisição da linguagem.

O objetivo principal da autora foi analisar o preenchimento ou não da posição de objeto nas produções de língua falada das crianças brasileiras e portuguesas. Logo após, a pesquisadora faz uma análise a respeito das diferentes estratégias usadas pelas crianças na realização do objeto direto anafórico.

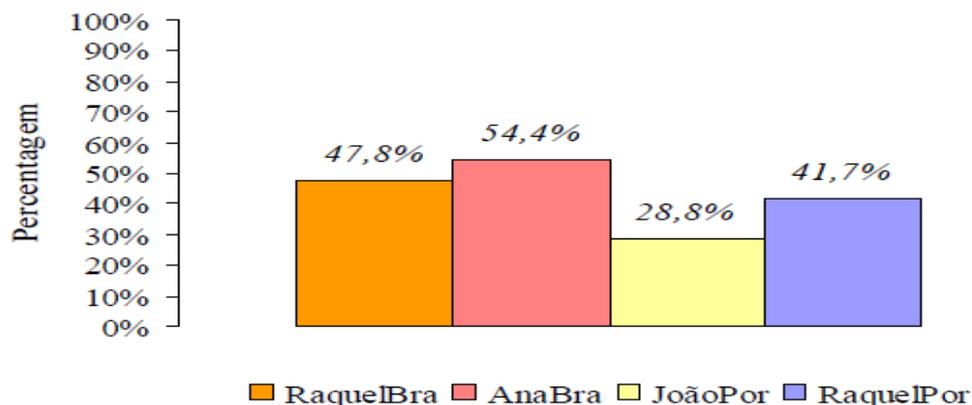
Em relação ao preenchimento, a autora obteve os seguintes resultados descritos no gráfico abaixo retirado de seu trabalho original:

Objetos preenchidos na aquisição do PE e doPB



Percebe-se que o preenchimento do objeto é mais recorrente na fala das crianças portuguesas do que nas produções escritas das brasileiras, o que corrobora com a hipótese de que o PB seja [+ objeto nulo] ao passo que o PE é [- objeto nulo]. Tal constatação fica clara quando analisado um outro gráfico a respeito das ocorrências da categoria vazia nas falas das crianças brasileiras e portuguesas, gráfico retirado também do projeto original:

Objetos nulos na aquisição do PE e do PB



Entretanto, vale lembrar que, apesar dessa constatação, mesmo que os portugueses deem preferência pelo preenchimento do objeto, a categoria vazia também é uma possibilidade restrita no PE, mas a diferença, nesse caso, entre o PB e o PE, é que, no PE, a categoria vazia concorre com o uso de clíticos acusativos, enquanto, no PB, o uso do pronome tônico *ele* concorre diretamente com a variante *objeto nulo*.

MAGALHÃES (2006) conclui que o PB tem menos restrições quanto ao uso do objeto nulo, diferente do PE. Sendo assim, o objeto nulo no português falado no Brasil é mais livre em comparação ao português europeu.

Diante dos resultados obtidos a partir das análises dos 42 textos escritos e comparados com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006), percebemos que as crianças brasileiras, em fase de aquisição da linguagem, apagam mais a posição de objeto direto anafórico ao passo que as crianças em fase escolar preenchem mais. Entretanto, tanto as crianças em fase de aquisição quanto as que estão na fase escolar, ao preencherem a posição de objeto direto anafórico, dão preferência pelo uso do pronome tônico *ele*, fazendo-nos concluir que, de fato, o clítico de terceira pessoa está desaparecendo do português brasileiro, corroborando com a hipótese de que tal estratégia está desaparecendo pelo fato de não estar mais presente no ambiente de fala da criança, impossibilitando a internalização deste conhecimento em sua Língua-I (língua interna).

CONCLUSÕES

A presente pesquisa teve como objetivo verificar as diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico em produções espontâneas de crianças em fase escolar, principalmente as estratégias que substituem o clítico de terceira pessoa, que as crianças trazem para a escola como conhecimento linguístico e verificar o papel de intervenção da escola para, em seguida, confrontar com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006) em seu trabalho de pesquisa para a realização de sua tese de doutorado. O intuito foi constatar, em um primeiro momento, se as posições de objeto direto anafórico foram ou não preenchidas. Em um segundo momento, o intuito foi verificar se, quando preenchidas tais posições, as crianças, em algum momento, utilizam ou não, como estratégia de realização do objeto direto anafórico, o chamado clítico de terceira pessoa.

Após uma análise minuciosa, constatamos, nas produções espontâneas, que as crianças em fase escolar trazem como conhecimento linguístico diversas estratégias de realização do objeto direto anafórico, o que nos levou a crer que a escola conseguiu fazer com que essas crianças aprendessem mais formas diversas para a realização desse fenômeno.

Dos resultados obtidos, destaquemos os mais relevantes. Começando pela a análise do preenchimento ou não na posição de objeto direto anafórico, destacamos que as crianças em fase escolar deram preferência pelo preenchimento. Comparando com os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006), constatamos uma situação diferente, pois, de acordo com os resultados obtidos pela autora, as crianças brasileiras em fase de aquisição apagam mais a posição de objeto direto anafórico. Isso nos fez concluir que o fato das crianças passarem a preencher cada vez mais a posição de objeto direto anafórico se deve ao aprendizado de outras formas de estratégias para a realização desse fenômeno adquiridas na escola, ou ao fato de serem mais velhas que as crianças analisadas por MAGALHÃES (2006) e já terem uma gramática estabilizada.

Em um segundo momento das análises, buscamos verificar quais foram as estratégias, ao preencher a posição de objeto direto anafórico, que as crianças deram preferência, principalmente com intuito de verificar se em algum momento o clítico de terceira pessoa é utilizado. Após à análise, constatamos que a estratégia preferida, ao preencher a posição de objeto direto anafórico, foi o uso do pronome tônico *ele* em total oposição ao uso do clítico de terceira pessoa na qual as ocorrências foram baixíssimas. Em comparação com os resultados os resultados obtidos por MAGALHÃES (2006), constatamos situações idênticas,

tanto as crianças em fase de aquisição quanto as em fase escolar preferiram usar o pronome tônico *ele* ao clítico de terceira pessoa. Tais constatações nos levaram a concluir que, de fato, o clítico de terceira pessoa está desaparecendo do português brasileiro, corroborando com outras pesquisas, como CYRINO (1994) e PAGOTTO (1996), em que são unânimes ao afirmar que o clítico de terceira pessoa está sumindo do português brasileiro, cuja hipótese é que, como os brasileiros estão deixando de usar os clíticos de terceira pessoa, tais informações não estão presentes na língua do ambiente linguístico em que a criança está inserida. Sendo assim, a criança não encontra tais informações para a formatação de sua Língua-I (língua interna) que nada mais é do que o conhecimento linguístico que ela possui. Mesmo nos dados de crianças em fase escolar, não foram encontrados muitos clíticos. Esse resultado nos mostra que a escola, não foi capaz de fazer com que essas crianças adquirissem tal estratégia de realização de objeto direto anafórico. Entretanto, através da escolarização, foram capazes de adquirir estratégias variadas para a realização deste fenômeno.

Os resultados obtidos por esta pesquisa foram bastante satisfatórios e de grande relevância, nos dando subsídios suficientes para confirmar a hipótese de que, com o avanço escolar, as crianças foram capazes de aprender diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico em substituição ao clítico de terceira pessoa. Isto nos permite afirmar os resultados obtidos por nós, através desta pesquisa, são de grande relevância para pesquisas futuras que possuam o objetivo de estudar este fenômeno em constante transformação tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, D. G. e T. M. V. MAGALHÃES. O objeto direto anafórico e suas múltiplas relações no português brasileiro. *Anais do III Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos e III Seminário de Pesquisa em Análise do Discurso*, v. 01. p.155-160, 2007.

BARBOSA, T. O. O comportamento sintático do pronome *nós* e sua variante *a gente*: um panorama desse processo antes e depois da escolarização dos falantes. 2012. Qualificação (Mestrado em Letras e Linguística) – Ufal, Maceió.

BAGNO, Marcos. *As estratégias de pronominalização*. In: *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

CORRÊA, V. R. *Objeto direto nulo no português do Brasil*. UNICAMP: Dissertação de Mestrado, 1991.

COSTA, T e T.M.V. MAGALHÃES. A aquisição e a aprendizagem de pronomes no português brasileiro. *Artigo apresentado no I Seminário de Estudos Linguísticos e Literários - I SELL*, 2007.

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.163-184, 1993.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística), UNICAMP, Campinas. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.).

KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2013.

MAGALHÃES, T. M. V. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. 2006a. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

MAGALHÃES, T. M. V. *Os Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Projeto de Pesquisa. UESB/CNPq, 2006b.

MAGALHÃES, T. M. V. *O Sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do português europeu e do português brasileiro*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, 2006.

MAGALHÃES, T. M. V. *Os Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Projeto de Pesquisa. UFAL/CNPq, 2008.

MENDONÇA, V. A. *As estratégias de realização do objeto direto anafórico em substituição ao clítico acusativo de terceira pessoa na língua falada em Mata Grande – AL*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade de Alagoas, 2004.

**PLANO DE TRABALHO INDIVIDUAL E DIFERENCIADO DO BOLSISTA E /OU
COLABORADOR (igual projeto original) 2 páginas**

TÍTULO DO PLANO DE TRABALHO: A Realização de Objeto Direto Anafórico em Produções Espontâneas de Crianças de 7 a 12 anos.

I - DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DO TRABALHO DO ESTUDANTE;

1. Analisar as produções espontâneas de 6 crianças com faixa etária compreendida entre 7 a 12 anos a fim de:

1.2. Identificar que estratégias de realização do objeto direto anafórico têm sido mais utilizadas nas produções espontâneas das crianças em fase de aprendizagem da gramática do português na escola;

1.3. Verificar se, com o avanço da escolarização, as crianças trazem para as suas produções espontâneas estratégias de realização do objeto direto anafórico não mais presentes em dados de produção de crianças que estão na fase de aquisição natural da gramática nuclear do PB, como mostram Magalhães (2006a) e Magalhães e Costa (2010).

II - DETALHAMENTO DA METODOLOGIA CORRESPONDENTE;

O bolsista deverá analisar os dados de produção espontânea de 12 crianças em fase de aprendizado da gramática na escola do projeto LUAL e comparar seus resultados aos encontrados por Magalhães (2006a) e Magalhães e Costa (2010) que analisaram crianças que ainda se encontram na fase de aquisição da gramática nuclear do PB. Portanto, o bolsista fará uma análise comparativa das ocorrências de objetos diretos anafóricos encontradas nos dados de Maceió (Alagoas) com aquelas encontradas nos dados de Campinas (SP) e Vitória da Conquista (BA).

**III - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DIMENSIONADO PARA 1 (UM)
ANO.**

ATIVIDADES	Meses											
	2015					2016						
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Leitura da bibliografia específica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
Seleção e análise dos dados	x	x	x	x	x	x	x	x				
Elaboração de relatório com os resultados parciais						x	x	x	x			
Elaboração do relatório final para a apresentação dos resultados finais no Encontro e Iniciação Científica da UFAL										x	x	x